

## INÉDITOS E ESPARSOS DE MURILO RUBIÃO

Vera Lúcia Andrade  
UNIVALE

Este texto constitui um relato de minha experiência no Acervo de Murilo Rubião, enquanto pesquisadora e colaboradora do projeto "Acervos de Escritores Mineiros ", desenvolvido pelo Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras, a partir de agosto de 1991. Trata-se de um projeto integrado, financiado pelo CNPq, que conta com uma equipe de professores/ pesquisadores, vários bolsistas de Iniciação Científica e de Apoio Técnico e é coordenado pelo Prof. Wander Melo Miranda. Fui integrante desta equipe durante muitos anos, de 1992 a 2001, tendo acompanhado toda a fase de catalogação e sistematização do material contido no acervo de Murilo, que é muito rico, composto de biblioteca, hemeroteca, documentos, correspondência, inéditos, fotografia, memorabilia, objetos de arte e de outros objetos pessoais do autor. Tal experiência levou-me a conhecer mais de perto a vida e obra do autor, fornecendo-me amplo material para a elaboração de vários artigos, tais como "A biblioteca fantástica de Murilo Rubião", "A trajetória fantástica de Murilo Rubião", "O leitor na biblioteca", "O feiticeiro da palavra", "Murilo Rubião: o mágico de Minas", "Murilo Rubião e os anos 40", "Murilo Rubião e a Geração Suplemento", dentre outros, como também a organização do volume *Contos Reunidos de Murilo Rubião*, publicado pela Editora Ática em 1998, contando com 32 contos e um inédito, "A Diáspora", quando estudei as várias versões de todos os contos publicados por Murilo e fiz o estabelecimento do seu texto definitivo.

De 1995 a 1998, dediquei-me, na verdade, mais especificamente, aos textos inéditos de Murilo Rubião, encontrados em seu acervo. Na primeira vez que tomei contato com o material, ele achava-se tal qual havia sido organizado pelo próprio autor, em pastas de arquivo com elástico -- todas elas com título manuscrito à tinta -- no interior das quais Murilo ia guardando, de

forma desordenada, os rascunhos, as anotações, variantes, acréscimos, índices, textos semi-prontos, redigidos à mão e/ou datilografados, enfim, tudo que se referia aos textos que estava escrevendo. Ao todo eram 15 (quinze) pastas, assim intituladas:

1. A Guerra e As Unhas;
2. A cidade mutilada;
3. A Ilha e A Busca;
4. Jove, o pistoleiro;
5. O Guarda-costas;
6. O contrabandista;
7. Originais de contos ( O Elefante );
8. Cogumelos de metal;
9. A mulher desaparecida em Bratislava;
10. Conselho de Cultura;
11. O Esgoto (novela);
12. O navio ( ou A viagem)
13. A Ilha;
14. A Ilha;
15. Botão de Rosa e a Fila ( adaptação para o teatro de Priscilla e Biiça).

Cabe observar que as pastas não foram numeradas pelo autor: a numeração acima foi utilizada por mim para facilitar a referência às mesmas. Na realidade, no segundo semestre de 1995 e no primeiro de 1996, realizaram-se os trabalhos de conservação do acervo e a documentação dos inéditos passou por um processo de acondicionamento, o que representou uma otimização dos mesmos, pois o material, em mau estado de conservação, apresentava

dificuldades de manuseio. Os textos foram retirados das pastas originais e colocados em pastas suspensas. Foi necessário, assim, ao longo da pesquisa, estabelecer a cronologia dos textos, pois todos eles contêm, no alto da página, a indicação das datas em que foram escritos .

A questão das datas desses textos é muito significativa para elucidar o processo de criação de Murilo Rubião que, sabidamente, fazia e refazia seus textos, levando às vezes vários anos para terminá-los-- ou não, como no presente caso. Um bom exemplo disso é o conto "A Guerra", que se encontrava na pasta número 1, junto com o outro intitulado "As Unhas": no texto datilografado ( que poderíamos dar como "pronto", apesar de conter ainda anotações à mão) podem-se ler as datas 09/01/80, 12/01/80 e 19/01/80. No entanto, os inúmeros papéis que se encontravam dentro da referida pasta trazem as mais variadas datas: 06/12/79, 27/06/79, 31/05/50, 16/11/49, 21/10/49 e 15/07/47. O que se percebe é que Murilo trabalhou o seu texto desde 15/07/47 ( data mais remota que se encontra), até 19/01/80 -- ou seja, durante 33 anos, -- e, mesmo assim não o publicou, provavelmente por não considerá-lo terminado.

Outro dado interessante quanto ao processo de criação de Murilo Rubião que se pode depreender destes textos e que, de certa forma, corrobora o que foi dito anteriormente, é o fato de que a trama de seus contos, ou a história propriamente dita, também vai se construindo aos poucos, até chegar a um formato completo. Há casos em que a primeira versão conta apenas com um esquema, um esboço de idéias que vão se transformando e ganhando mais detalhes, à medida em que o autor vai trabalhando o texto. Às vezes também, em versões posteriores, tais detalhes são ignorados, ou melhor, novamente transformados, ganhando outra forma, de tal maneira que, em casos como o do texto "A cidade mutilada", a última versão se distancia bastante da primeira. São, no total, 62 documentos, datados de 30/11/72 ( o primeiro deles ) a 26/01/87 ( o último). Foram gastos, portanto, 14 anos e 2 meses na confecção do conto, que continua inacabado.

A natureza do material contido nestas pastas é também bastante variada: há contos, praticamente prontos, como o da pasta de número 4 -- "Jove, o pistoleiro"--, a de número 5 -- "O guarda-costas"--, a de número 13 -- "A Ilha ( datilografado, mas com muitas anotações à mão) --, a de número 14 -- "A Ilha"(também datilografado, mas com menos anotações que a versão da pasta anterior. Há, ainda, 1 novela *O Esgoto*, pasta número 11), com um índice que vai de 1 a 21, e 21 capítulos datilografados, além de papéis com anotações; adaptações de contos para teatro (pasta número 15) e esboços de contos, como "A cidade mutilada"-- pasta número 2 --, em que, praticamente o que existe, é o "corpo do texto", de forma esquemática, além de muitas anotações.

O tipo de papel utilizado pelo autor também é bastante diverso: papel ofício, papel de seda para carta ( muito usado), papéis com timbres de órgãos públicos em que Murilo trabalhou, cartões de visita, nota fiscal de restaurantes, etc., enfim, um material riquíssimo para o estudo do processo de criação do autor e para o estudo de fontes primárias, indicando inclusive que, apesar de Murilo ser muito metódico e organizado, a criação vinha-lhe de forma desordenada e sem hora marcada.

Dada a diversidade do material a ser trabalhado e considerando que a maioria dos textos eram manuscritos, meu trabalho de pesquisa consistiu na seleção e transcrição dos textos, seguidas de elaboração de notas explicativas. Pretendia, na ocasião, organizar um volume para ser publicado na série **Inéditos e Esparsos**, uma coleção sob a responsabilidade do CEL/ FALE, que objetiva a publicação de textos inéditos ou esparsos de autores brasileiros levando-se em conta a reconsideração de critérios de valor literário e cultural dessa produção. No entanto, não foi possível realizar tal desejo, na medida em que surgiu uma questão ética, a vontade expressa do autor de que tais textos não fossem publicados.

De todos seus textos inéditos, apenas um Murilo desejava que fosse conhecido, "A Diáspora", cuja publicação anunciou várias vezes, nos meses que antecederam sua morte, em

1991. Por isso mesmo que foi incluído no volume da obra completa do autor, por mim organizada, o já citado **Contos Reunidos de Murilo Rubião** . Tal conto, na verdade, fora escrito nos anos 70, ou, para ser mais fiel ao processo de criação do escritor, estava "pronto para publicação" nos anos 70, mas Murilo perdeu os originais quando voltava do trabalho, no centro de Belo Horizonte, para a sua casa, no bairro da Serra e não conseguiu jamais reavê-lo, tendo sido obrigado a reescrevê-lo totalmente.

Um outro texto inédito de Murilo , porém, já fora publicado, em novembro de 1994, como uma concessão especial, na medida que se tratava do relançamento do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. "E ninguém melhor que Murilo para ilustrar este primeiro número do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, que pretende reiniciar a publicação que ele mesmo criou em 1966, dando origem à fase criativa que por muitos anos foi a fonte de toda uma geração de escritores e artistas plásticos", diz seu editor.

Como fui eu a responsável pela transcrição e organização das notas explicativas, vou valer-me dele para algumas considerações finais a respeito dos inéditos de Murilo Rubião. O conto, datado de 1950 (no início do texto lê-se 13/07/50 e, no final, 14/07/50), encontra-se datilografado em 6 páginas, contendo muitas correções a lápis e anotações à margem -- como a que se vê no fim do texto, onde se lê "Explorar o final"-- numa comprovação de que, para Murilo, o texto não estava pronto.

O texto inicia-se com a personagem -- Henrique Canavarro-- diante do espelho "Mirou-se demoradamente, antes de colocar a casaca", numa alusão intertextual a Machado de Assis em seu conto "O Espelho". Murilo, de fato, em uma de suas entrevistas, atribui a Machado a sua veia fantástica, quando declara que, sem ele, jamais teria chegado ao fantástico. Henrique Canavarro prepara-se , tal como José Alferes do conto "O convidado", para uma festa , um baile, que "seria o maior da temporada. Mesmo sabendo ser a figura central da festa, desejava que sua

apresentação nela fosse qualquer coisa de espetacular. Queria assombrar a viúva Petúnia, amesquinhar os outros homens, que o invejavam e se empenhavam em diminuir-lhe as qualidades."

A situação inicial do conto é de tranquilidade, como aliás, em todos os seus textos, até que o insólito irrompe no real e o cotidiano da personagem se vê invadido por um acontecimento estranho: decidido a não mais ir à festa, Henrique Navarro, com a mesma lentidão que se vestira, tira as roupas e resolve deitar-se. "Quando puxou as colchas para cobrir-se, sentiu incomodar-lhe as unhas, verificou, com algum espanto, que elas tinham crescido subitamente. Ficou sem saber como acontecera aquilo. A manicura as tinha cortado à tarde. Agora estavam demasiadamente crescidas". A partir desse momento a personagem não tem mais sossego, a cortar as unhas que crescem incessantemente. "A preocupação com a anormalidade e o cuidado em não ser pegado em flagrante iam-lhe marcando o rosto. Os seus hábitos estranhos, bem como a sua face sempre preocupada, foram notados pelos amigos, principalmente por Petúnia. Uma vez, estando ao lado dela, as unhas cresceram repentinamente, sem obedecer o ciclo normal. Petúnia deu um grito, horrorizada, e ele não conseguiu explicar nada a ela, e nunca mais a procurou". Navarro então encerra-se em sua casa onde não recebe ninguém mais. Depois resolve "procurar, sem esperança, em outras cidades e países, remédio para a doença. Não encontrou, apesar da perseverança com que esquadrinhou os especialistas, mundo afora". Regressa então à sua casa e encontra uma desordem total, a casa praticamente em ruínas: "posseiro, quebrava tudo que tinha na sua frente. Só parou quando lhe veio o cansaço e satisfez a raiva. Caiu, desanimado, no chão, perto de uma das janelas da sala de jantar.(...) E tomou a decisão de não mais cortar as unhas. Deixou-se ficar ali, horas e horas, pensando nos dias felizes que gozara outrora, até que, sem perceber, adormeceu. Quando acordou, já era noite. Procurou o comutador da luz, mas estava desligada. Às apalpadelas, procurou velas numa cômoda e, ao encontrá-las, sentiu, estupefato, que as unhas não

havia crescido, tanto que agarrara as velas sem que as unhas o atrapalhassem. Acendeu as velas para ver o milagre (...).Pela manhã, como nada lhe acontecesse de novo, as unhas não crescessem, abandonou-se a uma alegria tremenda(...) Assombraria as mulheres quando, gloriosamente, reaparecesse na alta sociedade. Iria recomeçar a vida" Nesse ponto, o texto destoa completamente de todos os outros do autor, pois o conto termina com um clima de esperança e renascimento, e o fantástico como que se desfaz, contrariando o estilo do autor. Talvez por isso mesmo tenha merecido a anotação que Murilo fez à margem: "Explorar o final".

O desejo de ver estes inéditos publicados persiste, mas, em respeito ao autor, tão zeloso de sua criação, talvez o melhor seja deixá-los onde estão...